

# OS SLAMS DE POESIA DE MULHERES: VOZES FEMININAS DECOLONIAIS

Mauren Pavão Przybylski Da Hora Vidal<sup>[1]</sup>

## RESUMO

Esta reflexão faz parte da investigação que venho realizando no âmbito de meu projeto de pesquisa e extensão intitulado *Poéticas Oraís e Pensamento Decolonial: perspectivas teóricas e metodológicas*, vice-coordenado pela professora Rafaella Contente e vinculado ao Laboratório Nacional de Materiales Orales da Universidade Nacional Autónoma do México. A ideia, em especial neste artigo, é realizar uma breve cartografia dos slams femininos tendo como base o Slam de Poesía para Morras (México) e o Slam das Minas (Brasil). Pretendo focar nas slammers mexicanas e brasileiras, apresentando temáticas semelhantes tais como: a poesia como intervenção contra a violência em relação à mulher; enquanto arma de luta contra sociedades machistas, racistas, patriarcais, xenófobas, entre outras. Assim, através da análise comparada, em um primeiro momento apresentarei os slams, em sua origem. Depois, darei ênfase aos Slams de Poesia para Morras, de Morelia, Michoacan, México e o Slam das Minas, que reúne poetas de diversos espaços de nosso país. O pano de fundo desta análise perpassará as teorias de gênero a partir de Schmidt, Lugones, Hollanda e decolonialidade, com Ballestrin, entre outras. Pretende-se, assim, mediar vozes de mulheres que performatizam, escrevem, falam e tem na poesia seus espaços de legitimação e sua possibilidade de serem quem são.

**Palavras-chave:** Slams. Mulheres. Decolonialidade. Oralidade.

## WOMEN'S POETRY SLAMS: DECOLONIAL FEMININE VOICES

## ABSTRACT

This reflection is part of the investigation I have been carrying out within the scope of my research and extension project entitled *Oral Poetics and Decolonial Thought: theoretical and methodological perspectives*, vice-coordinated by professora Rafaella Contente and linked to the National Laboratory of Materiales Orales of the National Autonomous University from Mexico. The idea, especially in this article, is to carry out a brief cartography of female slams based on the Slam de Poesía Para Morras (MX) and the Slam das Minas (BR). I intend to focus on Mexican and Brazilian slammers, presenting similar themes such as: poetry as an intervention against violence against women; as a weapon in the fight against sexist, racist, patriarchal, xenophobic societies, among others. So, at first, I will present the slams, in their origins. Afterwards, I will emphasize the Poetry Slams for Morras, by Morelia, Michoacan, Mexico and the Slam das Minas (BR), which brings together poets from different spaces in our country. The background of this analysis will permeate the theories of gender from Schmidt, Lugones, Hollanda and decoloniality, with Ballestrin, among others. It is intended, therefore, to mediate the voices of women who perform, write, speak and have in poetry their space for legitimation and their possibility of being who they are.

**Keywords:** Slams. Women. Decoloniality. Orality.

## EL RECONOCIMIENTO DE LAS ESCRITORAS BRASILEÑAS EN LA LITERATURA: INFORME DE UN PROYECTO

## RESUMEN

Esta reflexión es parte de la investigación que vengo realizando en el ámbito de mi proyecto de investigación y extensión titulado *Poética oral y pensamiento decolonial: perspectivas teóricas y metodológicas*, vicecoordinado por el profesora Rafaella Contente y vinculado al Laboratorio Nacional de Materiales Orales. de la Universidad Nacional Autónoma de México. La idea, especialmente en este artículo, es hacer una breve cartografía de los slams femeninos basada en el Slam de Poesía Para Morras (MX) y el Slam das Minas (BR). Me propongo centrarme en los slammers mexicanos y brasileños, presentando temas similares como: la poesía como intervención contra la violencia contra las mujeres; como arma en la lucha contra sociedades sexistas, racistas, patriarcales, xenófobas, entre otras. Entonces, en un principio, presentaré los slams, en su origen. Posteriormente, destacaré los Poesía Slams para Morras, de Morelia, Michoacán, México y el Slam das Minas (BR), que reúne a poetas de diferentes espacios de nuestro país. El trasfondo de este análisis permeará las teorías de género de Schmidt, Lugones, Holanda y la descolonialidad, con Ballestrin, entre otras. Se pretende, por tanto, mediar las voces de las mujeres que interpretan, escriben, hablan y tienen en la poesía su espacio de legitimación y su posibilidad de ser quienes son.

**Palabras-clave:** Slams. Mujeres. Decolonialidad. Oralidad.

<sup>[1]</sup>Doutora em Sociologia, Laboratório Nacional de Materiais Oraís da Universidade Nacional Autónoma do México. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestra em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5519-1383>  
E-mail: [mauren.pavao@lanmo.unam.mx](mailto:mauren.pavao@lanmo.unam.mx)



A reflexão que ora apresento terá algumas direções: a primeira no sentido de apresentar os slams em seu surgimento e em que momento as mulheres se inserem nele, suas razões, características e motes. Depois, tensionar o fazer poético desde um olhar decolonial para, finalmente, tentar apresentar de que modo essas produções, a partir de movimentos performáticos, atualizam nosso olhar para com a legitimação dessas narrativas. Este texto não focará na análise das poesias, ao contrário, se centrará nos elementos constitutivos dos textos produzidos pelas escritoras<sup>1</sup>.

## 1. INTRODUÇÃO

Os slams surgiram nos anos 80, em Chicago, nos Estados Unidos (EUA), chegando no México por volta de 2005. Segundo Zapata (2019, p 5): “En 1985 surge la aparición del Slam Poetry en Norteamérica y en México, a partir del año 2005, también se intentó formar parte de este movimiento, el cual brinda una manera de retomar la poesía para eliminar su barrera de cultismo”

Assim, percebe-se, desde seu surgimento, que o movimento nasce como resistência à poesia tradicional, até então hegemônica, tanto nos EUA quanto no México. A academia determinava quem podia falar e quem devia calar, como se fora a única capaz de legitimar saberes e vozes outras.

Quanto à Morelia, Carolina Herrejón (2020 p. s/n) afirma que:

El slam de poesía llegó a México a principios de este siglo, mientras que en Morelia apareció con mayor presencia hasta el año 2014. Actualmente en el país se contabilizan alrededor de 20 ligas de slam, quienes de forma independiente, estipulan sus lineamientos para que alguien pueda participar con su voz sobre el escenario<sup>2</sup>.

Deste modo, na contramão de um fazer poético predominantemente masculino, próprio de sociedades machistas e patriarcais, surgem os slams femininos, espaços exclusivos para que as mulheres possam dar conta de suas angústias, realizações e dissabores.

No Brasil, a precursora que traz o slam para o país é Roberta Estrela D’Alva, atriz, MC, pesquisadora, cantora e apresentadora do programa *Manos e Minas*, da TV Cultura. Ao definir para o blog *Escrevendo o Futuro* o que são os slams, D’Alva (2021 p. s/n) afirma:

Os slams de poesia, ou poetry slam, são batalhas de poesia falada, em forma de competição, campeonato, mas também é meio um programa de auditório, uma diversão, uma roda, um acontecimento, um encontro, sobretudo. Resumindo, é uma competição de poesia falada que tem três regras básicas: poemas próprios, de no máximo três minutos, sem acompanhamento musical. É a pessoa ali no microfone, cinco jurados são escolhidos no público aleatoriamente, considerando brancos e negros, mulheres e homens, mais velhos e mais novos, o mais diversos possível, e dão nota de zero a dez.

No entanto, a poeta ainda afirma, no mesmo espaço, que mais importante do que ganhar ou perder é competir. Toda essa diversidade que ronda o espetáculo é que dá legitimidade às performances e ao movimento.

Já em entrevista a Amanda Massuela, da *Revista Cult*, em março de 2021, D’Alva (2021 p. s/n) destaca que:

<sup>2</sup><https://www.elsoldemorelia.com.mx/cultura/reventar-silencios-mas-importante-que-ganar-4523725.html>)

O slam é sobre vozes que são ouvidas. É uma relação essa da fala e da escuta, mas a necessidade de nos escutarmos se faz urgente. Apesar de recente, o slam cresce a passos largos no Brasil e é fácil entender a sua rápida aceitação e o crescimento dessa “modalidade cultural esportiva” considerando o lugar que a tradição oral ocupa no país, particularmente a tradição de jogos orais competitivos, como por exemplo os desafios, as pelepas e o repente nordestino. Aliar essa tradição com a produção poética popular urbana em um contexto onde a diferença de estilos, discursos e idades é característica marcante, e onde todos se reúnem em torno de um único microfone, fazendo uso da liberdade de expressão de suas ideias, vem ao encontro da necessidade de fala e escuta, de exercício de cidadania, urgente à população das grandes cidades. (D’ALVA, 2021 p. s/n )

A declaração da slammer, nessa entrevista, remonta a algo que já deveria estar muito claro dentro da academia, mas ainda é relegado a um espaço marginal: a necessidade de escuta do outro, o direito epistêmico que essas mulheres possuem de expor suas questões a partir das manifestações da voz. É a liberdade de expressão se realizando e ganhando forma na poesia.

Um último ponto importante da entrevista de Dalva à Revista Cult é o destaque dado à artista para o quanto quem faz poesia pôde se reinventar durante a pandemia por meio da internet. Mais do que poetas são, conforme Przybylski (2014), narradoras e narradores orais urbano-digitais, que tem na virtualidade seu espaço de legitimação de seu fazer poético, apesar da compreensão de que a performance existe in praesentia.

Os slams de poesia, ou poetry slam, são batalhas de poesia falada, em forma de competição, campeonato, mas também é meio um programa de auditório, uma diversão, uma roda, um acontecimento, um encontro, sobretudo. Resumindo, é uma competição de poesia falada que tem três regras básicas: poemas próprios, de no máximo três minutos, sem acompanhamento musical. É a pessoa ali no microfone, cinco jurados são escolhidos no público aleatoriamente, considerando brancos e negros, mulheres e homens, mais velhos e mais novos, o mais diversos possível, e dão nota de zero a dez.

Um slam urbano-digital se desenha na medida em que permite que sujeitos de outros espaços, a quem esse movimento seria à priori bastante difícil, participem não só como competidores, mas também como público. Há, também, um maior intercâmbio entre poetas. Exemplo disso está no último Slam da Guilhermina<sup>3</sup>, realizado virtualmente em agosto de 2021, e que teve como vencedora a moçambicana Lorna Telma Zita. Apesar de ser um campeonato misto possibilita que, em alguma medida, as mulheres tragam suas questões.

No entanto, para que esse espaço fosse de fato um lugar de legitimação de lutas, de defesas, de compartilhamento de amor e de angústias, surgiu o “Slam das Minas”.

A iniciativa surge justamente da percepção, por parte das mulheres, de que seus espaços eram exíguos. Em 2015, por exemplo, apesar de no “Slam BR” encontrarmos mais mulheres do que homens disputando, a elas era dada sempre menor visibilidade. Na altura, somente uma delas passou pelas eliminatórias, tendo sido eliminada antes da final.

Segundo Carolina Peixoto, do Slam das Minas de São Paulo:

<sup>3</sup>Slam da Guilhermina é um campeonato de poesias de São Paulo (...) que segue o cânone dos poetry slam’s espalhados pelo mundo, e dentro deste existem as regras universais, são elas: a pessoa deve ter três poesias autorais que durem no máximo três minutos durante sua apresentação, não é possível utilizar adereços, figurinos e acompanhamento musical. No caso de empate os poetas apresentarão outras poesias até o desempate. Os cinco jurados para avaliação são escolhidos dentre o público que frequenta o evento, sendo assim impassíveis de julgamento, pois não possuem nenhuma formação específica ou entendimento pleno sobre todos os temas e assuntos apresentados no torneio, eles analisam a partir do que sentem e observam, e definem suas notas de 0,0 a 10, sendo excluídas a menor e a maior nota. Toda edição sai um vencedor e todos se encontram na finalíssima do ano, e sendo o vencedor desta irá disputar o Slam BR, o vencedor representará o Brasil na Copa do Mundo de Slam de Paris. O Coletivo Slam da Guilhermina é formado por Emerson Alcalde (Vice-Campeão do Mundo de Poesias disputado na França em 2014), Uilian Chapéu, Cristina Assunção e Rodrigo Motta.

O primeiro slam só de mulheres surgiu em Brasília, com a Tati Nascimento e umas manas dela. Fizemos um debate com ela sobre a importância de eventos assim, o que deu origem a uma primeira edição experimental do Slam das Minas aqui. Nesse primeiro evento colou muita gente e percebemos que realmente precisávamos de um espaço assim em São Paulo também. Até a gente conseguir recuperar nosso lugar na história vamos precisar de um espaço só para negros, outro só para mulheres, outro para gays. Em 2015, na final do Slam Br, a primeira rodada tinha mais mulheres que homens, mas só uma passou para a segunda fase e ela não chegou à final. A gente participava desses espaços, mas ainda não estava sendo ouvida e reconhecida. No Slam das Minas, não, a maioria é mulher, tem muita gente participando pela primeira vez<sup>4</sup> (PEIXOTO, 2016, p. s/n)

Para Pâmela Araújo, membro do mesmo coletivo, ter um movimento só das mulheres:

É até um problema, porque 90% do público é mulher também. E a gente está ali para falar não só para as mulheres, elas já sabem o que é sofrer com o machismo. Nos outros espaços não é uma questão de falta de respeito, mas é algo da sociedade como um todo. Somos ensinados a não gostar de ouvir voz de mulher, porque “é irritante”, “é fina”, não queremos escutá-las. Aí quando você vai ouvir mulheres no microfone, falando poesia, acaba não dando nota para elas, porque já ouve com uma barreira, nem presta atenção no que estão dizendo. No Slam das Minas só batalha mulher e não aceitamos homens machistas lá, porque é um espaço de segurança para as mulheres, para elas poderem falar o que quiser sem medo, sem se sentir intimidada. Já se uma mulher que frequenta o espaço fala coisas machistas, entendemos que é importante que ela esteja ali para conversarmos. (ARAUJO, 2016, p. s/n)

Essa tentativa de silenciamento feminino é o que faz a mulher permanecer na condição de subalterna, como trata Spivak (2010). A subalternidade está em caracterizá-la de forma estereotipada como aquela que tem voz irritante, fala demais e, por isso, busca no Slam de Mulheres um espaço de segurança, sem intimidação e machismo. Isto tem relação com as novas feições assumidas pelo feminismo de que tratam Schmidt e Macedo (2019). Para os autores:

Feminismo assume, na contemporaneidade, feição marcadamente plural, transnacional, profundamente implicada nos movimentos e fluxos de pessoas e nas redes de saberes e práticas construídas como formas de resistência e sobrevivência aos assaltos dos poderosos do mundo. Tal percepção dos rumos atuais do feminismo implica perceber o quanto o movimento tem se reinventado e se fortalecido através de percursos que cruzam os espaços globais em sentidos que superam a tradição Norte-Sul, redesenhando-se em rotas Sul-Sul, Sul-Norte, e também em novas e imprevistas configurações e sentidos<sup>5</sup>. (SCHMIDT; MACEDO, 2019, p. 44)

Por outro lado, é esse posicionamento político que leva ao surgimento desses coletivos no Brasil que também inspiram as poetisas mexicanas. Victoria Equihua, em entrevista ao jornal *El Sol de Morelia*, afirma:

La creación es política y somos políticos en nuestra vida diaria, aunque de repente da la impresión de que es algo que nos han arrebatado, como si la política existiera solo cada seis años y nos trastocara de manera superficial; pero hablar de nosotras, o desde lo personal, es político<sup>6</sup>. (EQUIHUA, 2019, p. s/n).

Abril Cira (2020, p. s/n), por sua vez, situa o slam como “la oportunidad para hablar de cosas que les incumbe como mujeres”<sup>7</sup>. O Slam de Poesia para Morrás é composto por Carolina Herrejón, Emilia Solis, Victoria Equihua e Abril Cira. No tocante às publicações, as poetisas têm suas produções em algumas antologias, tendo Victoria Equihua ganhado, como prêmio no Encuentro Nacional de Poetas Jóvenes Ciudad de Morelia., a publicação de sua

<sup>5</sup><https://www.scielo.br/j/ref/a/3P96w94j46gdL3kTXYKycgz/?lang=pt>

<sup>6</sup><https://www.elsoldemorelia.com.mx/cultura/reventar-silencios-mas-importante-que-ganar-4523725.html>

<sup>7</sup><https://www.elsoldemorelia.com.mx/cultura/reventar-silencios-mas-importante-que-ganar-4523725.html>

poesia. À Emilia, cabe a parte de ilustração, ela não se considera poeta, apesar de suas imagens serem pura poesia. Para novembro de 2021 está programado o lançamento da Edição Crítica de poesia do Slam de Poesía para Morras, numa parceria do Projeto de Pesquisa e *Extensão Poéticas Orais e Pensamento Decolonial: perspectivas teóricas e metodológicas* vinculado ao (SIGNIFICADO) LANMO – UNAM e do próprio (SIGNIFICADO) LANMO Editorial.

É importante destacar que todas as integrantes têm formação universitária e reconhecem esse espaço de privilégio, no entanto, se colocam no entre-lugar, porque vieram da zona rural e se definem como feministas. Suas visões e inspirações partem de um olhar periférico, contra-hegemônico. Pensam a poesia não em uma perspectiva mercadológica, mas como um grito que denuncia todas as mazelas passadas não só por elas, bem como por todas as companheiras com quem tem contato no momento dos slams, sejam da academia ou não, pois, segundo as poetas, estar na universidade ou ser reconhecida pelo Circuito Nacional de Poesia de Slam não faz delas mais ou menos poetas (PRZYBYLSKI; SANTOS, 2021).

O coletivo Calandria, ao qual está atrelado o Slam de Poesia para Morras, quer ser esse espaço de acolhimento e segurança. Não há, segundo relatos feitos tanto de forma informal quanto formal a esta pesquisadora, possibilidade de aceitação, por parte das mulheres, das invisibilidades a qual sempre foram relegadas. Os saberes e as práticas que se constroem ali são parte das estratégias de resistência dessas poetas. Sobretudo quando se fala em México, casos de desaparecimento de mulheres acontecem diariamente e o fazer poético é uma arma contra isso, mas também há questões que se relacionam à mulher periférica, ao se entender mestiça, à compreensão do espaço político que ocupam na sociedade, à importância do respeito à diversidade. Como nos traz Souza:

Enquanto na primeira imagem vemos o que se esperava de Lésbia – ser dona de casa, esposa, submissa, mãe, recatada e bela, entre outras coisas – na segunda vemos que a personagem renúncia a muitas dessas características; é considerada subversiva e talentosa, por exemplo. Por publicar livros que incomodavam parte do público, e talvez pelos romances em que se envolve, também é vista como imoral, baixa e caprichosa. Ainda podem-se ver adjetivos relacionados à sua obra literária: eclética e realista. E um último que talvez resuma um de seus maiores desejos: ser livre.

Ao assumir esse papel de eu/nós de que a autora fala, as mulheres poetas também determinam os espaços em que querem estar e os que não lhe cabem. Em relação a isso, um exemplo bastante significativo está no que toca suas publicações. Muitas das escritoras não têm um livro autoral, publicando apenas em coletivos, outras tem e para além disso são proprietárias de editoras e/ou preferem as independentes, onde não precisam se desvincular de suas ideias e perspectivas, do seu modo particular de ver o mundo.

Por seu lado, no Brasil, a situação não é muito diferente. Aliás, mais uma semelhança entre o México e nosso país reside no fato de a grande maioria das performers participarem tanto de slams quanto de saraus. O que os diferencia são as regras rígidas que determinam o primeiro. Os saraus, por seu lado, permitem o uso de instrumentos musicais, caracterizações, leituras de textos não autorais, longos ou curtos e não tem um fim competitivo.

Retomando o Slam das Minas, um nome importante no cenário de São Paulo é Mel Duarte. Em seu site, ela se define como “uma comunicadora com propósito, revolucionária do cotidiano que acredita nas palavras como ferramenta de transformação social”<sup>8</sup>. E acrescenta: escritora, poeta, slammer e produtora cultural nasceu na primavera de 1988 em São Paulo (SP), atua com literatura desde 2006. Mel é uma das poucas, entre tantas, que conseguiu publicar tanto obras autorais, quanto em antologias. Entre seus livros estão Fragmentos Dispersos (2013), Negra Nua Crua (2016, editora Ijumaa) traduzido para o espanhol Negra Desnuda Cruda (2018, ediciones ambulantes, Madrid, ES), As bonecas da vó Maria (2018, Itaú leia para uma criança), Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta (2019, editora Planeta), A descoberta de Adriel (2020, Itaú leia para uma criança) e o mais recente Colmeia: Poemas reunidos (2021, editora Philos).

Outros destaques importantes em relação à poeta são a participação dela no Sarau de abertura da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) e ter sido a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam – campeonato internacional de poesia falada. Representou, em 2017, a literatura brasileira no Festilab Taag, em Luanda, Angola e em 2019 foi a primeira slammer negra brasileira a lançar um disco de poesia falada intitulado Mormaço – entre outras formas de calor disponível em todas as plataformas musicais. Também integrou durante quatro anos o coletivo Slam das Minas SP, batalha de poesias autorais voltada ao gênero feminino e durante seis anos o coletivo “Poetas Ambulantes”.

Luz Ribeiro, outra dos grandes nomes da cena do Slam das Minas SP, em entrevista ao canal Youtube de Regina Volpato, destaca que nunca foi interesse por parte da sociedade em escutar as mulheres e, em se tratando de mulheres negras, isso piora muito. Ela resolve fazer poesia como forma de combater os tantos anos de invisibilidade social.

Fernanda Miranda, em texto publicado no Catraca Livre e repostado pelo Portal Geledes apresenta Luz como: “Mulher, negra e criada na periferia de São Paulo, ela abriu mão de sua formação como profissional de educação física para lutar e se firmar como escritora e atriz neste que é um dos países mais machistas e racistas do mundo.” (MIRANDA, 2020, p. s/n)

E destaca: “Luz decidiu usar a palavra como arma. Como resistência. E conseguiu: em maio [de 2017], a poeta irá representar o Brasil na Copa do Mundo de Slam de Poesias, na França (MIRANDA, 2020, p. s/n).

Em relação às publicações, Luz tem livros autopublicados e textos em antologias. Além do uso da palavra poética como arma e resistência, próprio das slammers, Luz Ribeiro (BR) e Victoria Equihua (MX) estão no mesmo patamar: a primeira foi para a semifinal do Slam Poetry na França em 2017 e a segunda para a final, virtual por conta da pandemia mundial da Covid-19, em 2020. Ambas, assim como as demais slammers aqui trazidas ou não, necessitam ser vistas, academicamente falando, desde uma perspectiva decolonial.

---

<sup>8</sup> <http://www.melduartepoesia.com.br>

## 2 SLAMS E SLAMMERS: QUESTÕES DE PERFORMANCE DESDE UM OLHAR DECOLONIAL

Minha reflexão, até agora, refere-se pensar essas slammers e seus slams tendo como foco questões políticas e sociais que acabam as aproximando. No entanto, ao me voltar para questões decoloniais, acabo por concordar com aquilo que afirma Helloisa Buarque de Holanda (2021):

O Slam é centrado em gênero, é centrado em raça, é muito brasileiro. O Slam do norte é completamente diferente do nosso Slam (sudeste) e do Slam do sul. É uma manifestação poética de periferia, jovem, muito nova e que não abre mão da coreografia, do corpo, que é uma linguagem extremamente indígena e negra<sup>9</sup>. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2021, p. s/n)

Apesar de ter surgido, como se pode ver no início desta reflexão, nos EUA e ter se espalhado pelo mundo, o movimento coaduna com muitas das questões caras à realidade brasileira. Por outro lado, centrar-se em gênero e raça é algo que faz parte do mundo das mulheres mexicanas. A verdade é que o pano de fundo como machismo e sexismo se refere às realidades dos dois países aqui explorados. Como afirma Mendonça (2020):

É urgente pensar na produção do conhecimento a partir de um feminismo decolonial, considerando a opressão das mulheres como resultado de processos que combinam fatores de raça, colonização, exploração capitalista e heterossexualismo (LUGONES, 2014). É valorizar a produção intelectual de mulheres, um tópico invisibilizado, como argumentou Maria da Glória de Oliveira (2018), colocado como o “outro” em constante silenciamento por parte dos cânones. (MENDONÇA, 2020, p. 33)

A colonialidade está no bojo de constituição do pensamento decolonial e, segundo Quijano (2005), vincula-se ao ser, saber e poder. No entanto, no discurso dele falta acrescentar a questão fundamental ao se referir às mulheres: gênero.

quando entramos em contato com nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de vida como situação a ser experimentada e com a qual se interage, aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder – é delas que surge o verdadeiro conhecimento e, com ele, as atitudes duradouras. [...] Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade. (LORDE, 2019, p. 46).

Essa liberdade destacada por Lorde, atrelada à ancestralidade é, também, motivadora da produção dessas poetisas, sejam elas negras, indígenas ou mestiças; ser livre é uma revolução. As participantes desses coletivos não aceitam mais amarras nem pré-estabelecidos.

Retomando Mendonça (2020), a pesquisadora afirma que:

Os grupos subalternos não são vítimas passivas e devem ser localizados na ideia de margem/centro como explicitado por bell hooks (2019), em que a margem é entendida tanto como local de repressão quanto de resistência e possibilidades, como um espaço crítico que desafia categorias como raça, gênero, sexualidade e classe. É a compreensão da própria marginalidade que possibilita a luta como sujeito e, conseqüentemente, possibilita a fala. Esse processo, no entanto, se dá de forma mais efetiva a partir da percepção de uma experiência comum.

Para as mulheres, a colonização representou a inferiorização racial e a subordinação de gênero (LUGONES, 2020) mas, como afirmou Lugones (2019), ninguém resiste à colonialidade dos gêneros sozinho. Há uma construção de resistência que se dá na coalizão em torno da experiência comum (HARAWAY, 1995; LUGONES, 2019 apud MENDONÇA, 2020, grifos em negrito meus)

Ou seja, os slams, sejam no México ou no Brasil, são espaços que possibilitam a fala e a resistência à colonialidade de gênero. As vozes, quando juntas, tem mais força e a experiência de cada poeta, tanto em separado quanto no coletivo, é uma arma de legitimação de saberes outros e de espaços e novas formas de fazer poesia. Sobre a escrita de poesia, diz Luz Ribeiro (2021, p. s/n):

Escrevo do lugar onde estou. Sou mulher, negra, nascida em lugar pobre. Eu gostaria de falar mais sobre o mar, sobre a natureza, sobre as pessoas que nascem. Mas o que é mais urgente pra mim são as pessoas que estão morrendo. E esse sangue tem cor. Mais importante pra mim é falar sobre como as mulheres ainda são sujeitas à invisibilidade. A poesia é minha arma de revide. E esse é meu tempo. Não posso deixar que ele passe<sup>10</sup>.

Isso remonta ao que nos dizem Volmer (2020)

Organizando-o no centro da urbe, as vozes oriundas da periferia são notadas e reverberam para além dos espaços de onde vêm. A localização centralizada, nessa ótica, demarca os problemas pelos quais os slammers passam, ou seja, promover uma edição de Slam no centro da cidade é uma forma de validar os posicionamentos defendidos nas suas performances. De outro ponto de vista, organizar o evento em um espaço central também funciona como facilitador de acesso para o público em geral, para novos poetas e para a propagação do evento (VOLMER et al, 2020, p.66).

A prática decolonial na poesia de slam de mulheres se encontra claramente nessa opção por propagar sua poesia e falar sobre suas urgências. Não que as poetisas não queiram falar sobre o mar, a natureza e/ou outras questões do dia a dia, mas, tendo ganhado um espaço importante, urge que o utilizem para dar visibilidade tanto às outras mulheres que não tem, quanto às suas questões mais profundas relacionadas à violência doméstica, machismo, racismo, marginalidade, preconceitos em relação às suas mais variadas escolhas.

Todavia, toda essa reflexão até agora realizada não pode se furtar de trazer à tona algo que é muito importante quando se trata de Slam: a performance. Em entrevista ao blog *Escrevendo o Futuro*, Carolina Peixoto e Pamela Araújo, do Slam das Minas SP, discorrem sobre a questão do ritmo, entonação, gesto, tão fundamentais para que essa poesia aconteça:

**Carol** – O jurado é escolhido na hora e a avaliação depende de como a poesia bate nele. Eu, Carol, gosto muito de ouvir algo que seja diferente do que os outros estão falando e, na performance, presto muita atenção no ritmo. Gosto quando a poeta consegue usar bem o corpo, os tons de voz, alternar os ritmos... E é assim também que aprendi a me apresentar: vendo e me experimentando.

**Pam** – Performance chama mais a atenção, porque não estou só falando, estou mostrando. Você não está só ouvindo, está vendo, consegue sentir com mais força o que eu quis dizer com aquilo, mexe com suas emoções<sup>11</sup>.

Na fala das slammers tem a representação daquilo que Zumthor (2010) já entendia como performance, essa manifestação que acaba no momento em que é proferida e necessita do corpo, gesto e voz para acontecer. Na performance, também, importa a recepção. Sem o público, ela não acontece e, no período da pandemia, os slams como um todo, fossem mistos ou de mulheres, no Brasil ou fora dele, seguiram existindo em ambiente virtual, mas de uma forma reinventada. Os aplausos presenciais foram substituídos pelos virtuais, o contato com a recepção ficou visivelmente prejudicado, mas o movimento não parou de ocorrer. Essa reinvenção ocorrida é própria de um tipo de fazer poético que, como colocado ao longo deste artigo, nasce de uma necessidade de resistir.

A performance se situa num contexto aomesmo tempo cultural e situacional: nesse contexto ela aparece como uma 'emergência', um fenômeno que sai desse contexto aomesmo tempo em que nele encontra lugar. Algo se criou, atingiu a plenitude e, assim, ultrapassa o curso comum dos acontecimentos (ZUMTHOR, 2014, p. 35).

Sobre isso, Volmer (2020) ainda complementam:

Conforme o autor afirma, a performance que se instala, ao mesmo tempo, migra do contexto cultural transcende à vivência comum dos fatos para se tornar a própria marcação destes. É devido a essa característica que inferimos ser a performance um dos mais significativos elementos constituintes da batalha de poesia. A performance evidencia o poema, mas, sobretudo, a voz e o corpo em movimento dos sujeitos envolvidos na dinâmica, ou seja, conforme Schechner (2006), uma performance ocorre por meio do conjunto de ação, interação e relação. (VOLMER et al, 2020, p. 72).

Assim, percebe-se que os slams não acontecem sem a performance, sobretudo por serem, como já vimos, espaços em que a legitimação das poesias se dá tendo como base a voz que ecoa do corpo, do gesto e do ritmo. É esse conjunto que torna a poesia viva; é, retomando Hollanda, "uma manifestação muito nova que não abre mão da coreografia"<sup>12</sup>.

### 3 ALGUMAS (IN) CONCLUSÕES

Pensar nos slams de poesia para e de mulheres é algo que vem me perseguindo desde o término de meu doutorado em 2014. Mesmo que não especificamente ainda falando de slams, me incomodava o fato de investigações acerca de vozes periféricas serem centradas, sobretudo, em homens.

Todavia, dadas nossas hegemonias e o fato de estarmos localizados em uma sociedade que ainda é eminentemente patriarcal e machista, não surpreende que até mesmo essa literatura de resistência tivesse também esse posicionamento. Se tomarmos como exemplo o fato de o slam ter sido fundado nos anos 80, em Chicago, EUA, pelo poeta e operário da construção civil Marc Kelly Smith e a fala de MG Comikk, que se define como aquele que leva o movimento para o México, deixa ainda mais clara a necessidade que as mulheres tiveram de ir em busca dos seus espaços.

el primer slammer mexicano en participar en el Río Poetry Slam de Río de Janeiro. Cuando regresé en 2014 aquí, al Estado de México, comencé a hacer un ciclo de slams"<sup>13</sup>.

Se o início de tudo no Brasil aconteceu no eixo Rio-São Paulo, os slams das Minas já são uma realidade de norte a sul do país. Tendo como foco principal as questões que são caras às mulheres e que aqui já foram de certo modo explicitadas, o que difere o Brasil do México é o foco bastante centrado na negritude, já que a população negra é a maioria em nosso país.

Por outro lado, pensar na violência epistêmica e de gênero é algo que aproxima Brasil e México. Estatísticas comprovam que a pandemia aumentou consideravelmente os casos de violência contra a mulher, isso na esfera mundial. No México, muito mais divulgado que o Brasil, estão os casos de desaparecimento de mulheres.

Fundamental afirmar, também, que sendo uma construção poética que surge quase que majoritariamente nas periferias, essas mulheres partilham de motivos muito semelhantes em suas escritas. O Slam de Poesía para Morras surge em consonância com o Coletivo Calandria e quer ser um espaço de troca e acolhimento. Muitas ações são feitas no sentido de incentivar que as mulheres não só passem para o papel suas angústias, dores, dissabores e até mesmo amores e desejos, mas que possam “gritar” tudo isso no momento das competições, dos encontros. Para as integrantes desse coletivo, mesmo que cada uma tenha suas ações separadas, o fato de estarem ideológica e politicamente alinhadas faz com que cada uma contribua na escrita da outra.

Viver de poesia é um ato de resistência o qual, infelizmente, nem todas podem abraçar. E tudo bem, apesar disso elas seguem resistindo, insistindo e se reinventando. O fato é que não se pode manter um olhar vitimista nem tampouco romantizado para essa ação que é política. Quando se fala nos slams de mulheres como espaço de disseminação de uma poesia de combate quer-se referir também a isso, a esse combate que vai ganhando novas roupagens a cada instante.

Esta reflexão, mais do que apresentar as poesias dessas escritoras, performers e artistas, quis pensar a importância da valorização do que elas escrevem e de a academia se abrir para esses saberes. Não é possível mais se permanecer acreditando em um único cânone, em que apenas os clássicos devem ser valorizados.

Se o slam é esse espaço em que sujeitos até então numa posição de margem na sociedade passam a ter suas vozes escutadas e valorizadas, a academia precisa voltar seu olhar para essas poetisas e suas poesias. Entretanto, essa não deve ser uma atitude que tenha um tom de caridade, mas sim de uma compreensão profunda de que existem muitas formas de fazer e ver a poesia e que esta se relaciona com espaços sociais, posicionamentos políticos e situação econômica.

A literatura feita por e para mulheres é real, acontece nas mais diversas esferas e se faz tanto na oralidade quanto na escrita. Aceitar, divulgar e andar de mãos dadas com essas mulheres slammers é entender que a luta é coletiva e que a poesia é a grande arma contra uma sociedade hegemônica, patriarcal, colonialista, racista, machista, homofóbica. Diz-se que a poesia salva e ela pode salvar quem quiser se deixar ser salvo por ela, mas ela também pode curar, acariciar, abraçar. Cabe a nós compreendermos que está a cargo de cada mulher definir como essa poesia vai atravessá-la e escolher em que espaço quer se colocar e como quer falar, agir, sentir, porque na mulher não está somente a poesia, ela é a própria poesia.

## REFERÊNCIAS

- HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Pensamento feminista hoje: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- \_\_\_\_\_. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- SOMERS-WILLET, Susan B.A. **The cultural Politics of Slam: Race, identity and performance of popular verse in America**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2009.
- SOUZA, Fabiana Oliveira de. Três minutos “para adiar o fim do mundo”: o slam de poesia como forma de reexistência. In: **Língua(gens), embates e resistências na contemporaneidade**. CORDEIRO-OLIVEIRA, Simone; BABINI, Maurizio (org). Rio Branco: Nepan Editora, 2021
- VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- VIDAL, Mauren Pavão Przybylski da Hora, SANTOS; MONJELÓ, Bianca. **Oralidade e decolonialidade: o fazer poético de Victoria Equihua, Carolina Herrejón e Abril Cira, do “Slam de Poesía para Morras”**. Diálogos De Campo, 4(7), 75-109. Disponível em: <https://lanmo.unam.mx/ojs/index.php/dialogos/article/view/67> . Acesso em: 20 ago. 2021.
- VOLMER, Lovani, SOUZA, Suzana da Silva; CONTE, Daniel. **Slam: poesia e per-formance de resistência**. Desenredo XVII, 1; 57-77, 2020.
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: A “literatura” medieval**. PINHEIRO, Amálio Pinheiro; FERREIRA, Jerusa Pires (trad). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. FERREIRA, Jerusa Pires;POCHAT, Maria Lúcia Diniz; ALMEIDA; Maria Inês (trad). São Paulo: Hucitec, 1997.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção e Leitura**. FERREIRA, Jerusa Pires; FENERICH, Suely (trad). São Paulo: Cosacnaify, 2014.

**SITES CONSULTADOS**

ABUD, Marcelo. **Heloisa Buarque de Hollanda orienta sobre abordagem do pensamento feminista na escola.** Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/heloisa-buarque-de-hollanda-orienta-sobre-abordagem-do-pensamento-feminista-na-escola/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

ALMEIDA, Marina. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/slam-das-minas/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

BARAJAS, Cecília. Disponível em: <https://www.elsoldemorelia.com.mx/cultura/victoria-equihua-gana-premio-de-poesia-ciudad-de-morelia-5995231.html>. Acesso em: 29 ago. 2021.

DUARTE, Mel. Disponível em: <http://www.melduarte poesia.com.br>. Acesso em: 27 ago. 2021.

MIRANDA, Fernanda. **A paulistana Luz Ribeiro irá para a França em maio representar o Brasil no campeonato mundial de Slam, que faz batalha de poesias autorais.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/luz-ribeiro-ira-para-franca-representar-o-brasil-no-campeonato-mundial-de-poesias-autorais/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

MENDONÇA, Kelly Yara de Souza. **Expressões decoloniais na performance de poesia de mulheres.** Disponível em: [https://www.encontro2020.pr.anpuh.org/resources/anais/24/anpuh-pr-erh2020/1611947572\\_ARQUIVO\\_7bdb4f2b8977f85af7aeed3b4ee487d2.pdf](https://www.encontro2020.pr.anpuh.org/resources/anais/24/anpuh-pr-erh2020/1611947572_ARQUIVO_7bdb4f2b8977f85af7aeed3b4ee487d2.pdf). Acesso em: 28 ago. 2021.

SCHMIDT, Simone, MACEDO, Ana Gabriela. **FEMINISMOS TRANSNACIONAIS.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/3P96w94j46gdL3kTXYKycgz/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2021.

<https://spokenword.mx/2019/06/29/como-surge-el-primer-slam-nacional-mexico/>. Acesso em: 29 ago. 2021

**Artigo recebido em: 29 ago. 2021. | Artigo aprovado em: 16 nov. 2021.**